



Resumo do Relatório Final de Atividades – Bolsa de Iniciação Científica

Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq

Projeto

Periferização metropolitana e seus efeitos sobre as formas de inserção no mercado de trabalho na Região Metropolitana de Campinas, 2000 e 2010

Bolsista

Miquéias da Silva Araújo / 203845

Orientador

José Marcos Pinto da Cunha

Local de execução

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Vigência

01/08/2019 - 31/07/2020

1. Introdução

Tendo como foco o processo imobilidade urbana, a autora Luciana Lago, em seu artigo “O mercado de trabalho na metrópole do Rio de Janeiro: a “periferia” que virou “centro””, elaborou questões que foram de fundamental importância para a elaboração desse projeto. Lago (2008) observando um aumento da imobilidade dos trabalhadores oriundos das periferias, elaborou duas hipóteses. A primeira sugere que o aumento da imobilidade seria resultado de uma expansão da economia informal, e a segunda, por sua vez, sugere que a imobilidade estaria relacionada ao maior dinamismo econômico em sub-centros periféricos.

Das hipóteses formuladas por Lago (2008), foram levantadas as seguintes questões: qual é o peso da origem de um indivíduo na determinação de seu destino no mercado de trabalho? E quais são os tipos de trabalhos ocupados pela população que se vê em meio a esse processo de imobilização abordado por Luciana Lago? Desses questionamentos, veio a pergunta que levou a motivação desse trabalho: há uma relação entre o lugar de residência de um indivíduo e o modo com o qual ingressa no mercado de trabalho?

Com o intuito de responder a essa questão e trazer um maior entendimento dos efeitos da periferização metropolitana sobre a busca por trabalho remunerado, esse trabalho objetiva analisar as formas de inserção no mercado de trabalho da população residente em áreas periféricas tradicionais da Região Metropolitana de Campinas (RMC). Para tal fim, é examinada a evolução do mercado de trabalho da RMC, sob o ponto de vista da estrutura setorial, geração e distribuição espacial de postos de trabalho, destacando as principais alterações ocorridas de 2000 a 2010. É examinada também a espacialidade metropolitana da inserção no mercado de trabalho da população residente nas periferias tradicionais da RMC, no que se refere à situação do trabalho (formal ou informal), bem como os tipos de atividade na quais tal população está envolvida.

2. Metodologia

O ponto de partida da pesquisa, foi a realização dos levantamentos bibliográficos, coletando por esse meio as informações necessárias para a contextualização e análise da evolução do



mercado de trabalho na Região Metropolitana de Campinas dentro de um período específico, ou seja, de 2000 a 2010. Em seguida, para a coleta dos dados apresentados nesse trabalho, foram utilizadas como fontes a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e os dados das amostras dos Censos Demográficos de 2000 e o de 2010, que foi usado para a construção de um conjunto de categorias sócio-ocupacionais e um conjunto de categorias sócioespaciais. Quanto as categorias sócio-ocupacionais, essas são baseadas na proposta de Portes e Hoffman (2003) e agrupam a população economicamente ativa de quinze anos ou mais em: “capitalistas”, “executivos e profissionais”, “microempresários”, “trabalhadores manuais”, “trabalhadores não-manuais”, “outros” e “sem declaração”. Em relação as categorias sócioespaciais, foram utilizadas um conjunto de categorias vem sendo desenvolvida no âmbito do projeto maior no qual me insiro (CUNHA, J. M. P; FARIAS, L. A. C, 2020, mimeo) que visa expor o caráter multidimensional da pobreza.

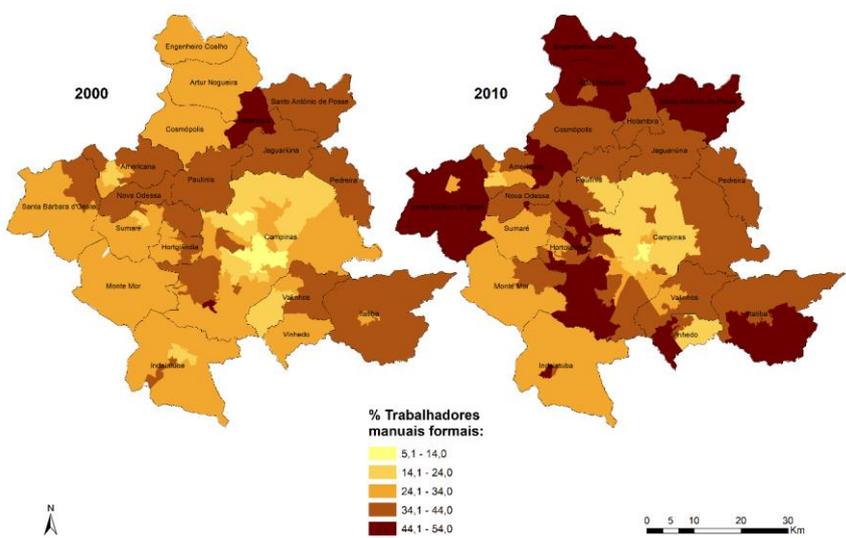
3. Resultados

Os dados da RAIS e do CAGED permitiram analisar a distribuição de empregos por setor de atividades nos municípios da RMC deixar claro que alguns municípios apresentam predominância de postos de trabalhos pertencentes a determinados setores em detrimento de outros, o que mostra a ocorrência de certa especialização dos municípios entre os tipos de setores de atividades existentes. Tal fenômeno reduz a diversidade de empregos, limitando também a área de atuação da população residente, o que pode ser entendido como um efeito do local de residência sobre a inserção no mercado de trabalho.

Por meio das categorias sócio-ocupacionais é possível constatar que mesmo em níveis menores de agregação territorial há efeitos do espaço sobre características do mercado de trabalho. Espacializando as categorias sócio-ocupacionais aqui utilizadas é possível constatar que existe uma clara diferenciação espacial no que se refere à distribuição da PEA. No caso foram utilizadas duas que se poderia considerar opostas, “trabalhadores manuais” e “profissionais” (ver figuras 1 e 2, respectivamente) e os mapas são verdadeiros espelhos que mostram a diferentes localizações preferenciais dos trabalhadores menos e mais qualificados. Assim, como demonstrado em outros estudos como no Atlas da RMC (CUNHA; FALCÃO, 2017), os dados sobre categorias sócio-ocupacionais também não deixam dúvidas da segregação social existente na região.

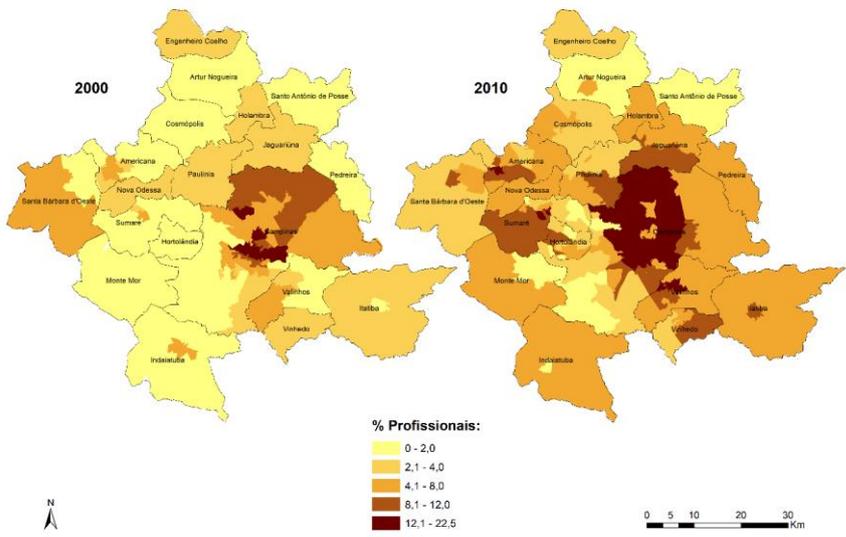


Figura 1 – Participação relativa dos “trabalhadores manuais formais” na PEA por Áreas de Ponderação, Região Metropolitana de Campinas, 2000 e 2010 (em %)



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Figura 2 - Participação relativa dos “profissionais” na PEA por Áreas de Ponderação, Região Metropolitana de Campinas, 2000 e 2010 (em %)



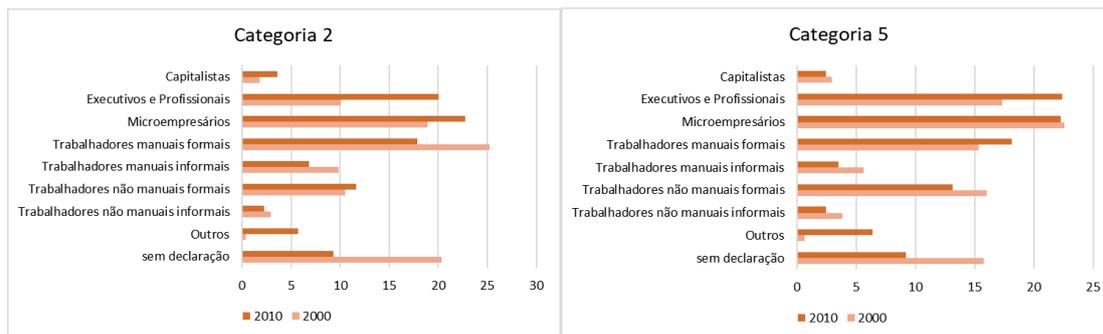
Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.



Quanto à combinação das categorias socioespaciais com as categorias sócio-ocupacionais e indicadores tais como a PEA ocupada, o que mais ficou evidente foi o fato de as maiores mudanças e crescimentos ocorrerem nas categorias sócioespaciais cujo ambiente construído é caracterizado pela heterogeneidade. Em relação à combinação das categorias socioespaciais com PEA ocupada, por exemplo, entre 2000 e 2010, os maiores aumentos ocorreram nas categorias de 1 a 3, (caracterizadas por ambientes construído heterogêneo).

Já se tratando da combinação socioespaciais com as sócio-ocupacionais (ver gráfico 1), a Categoria 2 novamente foi onde as variáveis sócio-ocupacionais apresentaram as maiores taxas de crescimento. Essas diferenças no nível de crescimento, por sua vez, mostram que os espaços mais consolidados têm características distintas daqueles menos consolidados, apresentando maior dinamismo e propensão a mudanças, como é o caso da Categoria 2 em comparação com a 5, por exemplo. Diante disso, é de se esperar que, ao longo do tempo, haja maiores mudanças na composição nas áreas menos consolidadas (heterogêneas com relação ao espaço construído).

Gráfico 1 – Categoria 2 (Ambiente construído heterogêneo com tendência à homogeneização de média e alta renda) e Categoria 3 (Ambiente construído homogêneo com tendência à homogeneização de média e alta renda)



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

4. Conclusões

A análise distribuição de empregos por setor de atividades nos municípios da RMC demonstra que alguns municípios apresentam predominância de postos de trabalhos pertencentes a determinados setores em detrimento de outros. Tal fenômeno reduz a diversidade de empregos, limitando também a área de atuação da população residente, o que pode ser entendido como um efeito do local de residência sobre a inserção no mercado de trabalho.

Por meio das categorias sócio-ocupacionais é possível constatar que mesmo em níveis menores de agregação territorial há efeitos do espaço sobre características do mercado de trabalho, havendo diferenciação espacial no que se refere à distribuição da PEA segundo categorias sócio-ocupacionais. Nos casos onde essa diferenciação é mais explícita, é perceptível que os mapas são verdadeiros espelhos e mostram as diferentes localizações preferenciais dos trabalhadores menos e mais qualificados, não deixando dúvidas quanto a segregação social existente na região. Há também a constatação de que os espaços menos consolidados, que correspondem as periferias tradicionais, apresentam maior propensão a mudanças, o que pode ser justificado principalmente pela crescente formação da “nova periferia”.